

CORPO QUE PULA, GINGA E DANÇA: EXPERIÊNCIAS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO

Acadêmica Gleyde Lopes¹

Dtnd. Marlini Dorneles de Lima²

Dr. Renata de Lima Silva³

RESUMO

O presente artigo apresenta algumas reflexões a respeito do desenvolvimento do projeto de extensão realizado no contexto escolar, vinculado ao Curso de Licenciatura em Dança da UFG, trata a respeito da formação inicial de professores para o ensino da dança, a partir do diálogo entre a demanda dos acadêmicos do curso de graduação e dos estudantes da escola, tendo como eixos norteadores a compreensão de corpo, do corpo que dança, as manifestações das culturas populares e a educação. Partimos do pressuposto que estes elementos podem tensionar as questões da prática pedagógica e das relações estabelecidas com o contexto que constitui a escola. Para tanto se apresenta duas perspectivas de trabalho, a prática discente desenvolvida no CEPAE-UFG, e o estudo sobre as manifestações das Culturas Populares, neste caso o Break Dance e a Capoeira Angola. Apresentamos assim para concluir este escrito, a importância das ações de extensão e da prática docente nestes contextos para pensar a formação do professor/artista para o ensino da dança. Compreendendo a escola e as manifestações das culturas populares, como um dos espaços e fenômenos para se pensar a educação, a educação estética e o corpo. Como elementos a conduzir uma proposta de intervenção coletiva de forma a suscitar o processo de formação humana, crítica e estética.

Palavras-Chave: Dança, Manifestações das Culturas Populares, Educação.

Introdução

O processo de formação inicial é marcado por muitas transformações e desafios, tanto no que diz respeito ao ingresso do estudante no contexto universitário, como as expectativas docentes com relação às intenções pedagógicas e curriculares. No caso específico do curso de formação superior em dança, às expectativas volta-se para os

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Dança da UFG - gleyde-lobes@hotmail.com

² Docente do Curso de Licenciatura em Dança da UFG- marlinidanca@gmail.com

³ Docente do Curso de Licenciatura em Dança da UFG- renatazabele@gmail.com

saberes eminentemente presentes no corpo, o processo de produção de conhecimento em dança são de alguma forma agenciados a partir das experiências corporais, os quais são postos em questionamento em diferentes momentos e atividades de formação, seja no âmbito do ensino, pesquisa ou extensão.

Compreendendo estas questões postas tanto para o docente do curso de graduação como para o discente em formação. Este artigo se propõe a ser escrito considerando estes pontos de vista, estabelecidos durante as experiências educativas, que interconectam as disciplinas do curso de graduação, as expectativas e demandas dos graduandos, as realidades presentes nas escolas. Como também a possibilidade de pensar as mesmas a partir de projetos de extensão que tem o foco na prática pedagógica, do olhar questionador e da práxis como fundamento orientador das ações educativas.

Nesta perspectiva a questão apresentada no título deste escrito: Que corpo é esse? Acaba sintetizando algumas inquietações, presentes fundamentalmente nos estudantes ao se aproximarem dos conhecimentos que são abordados na formação, entre eles questões como: Em que consiste os conhecimentos específicos da dança? Qual o lugar do corpo em movimento ocupa na formação de um professor de dança? Que corpo é este na escola, ou melhor, que corpo a escola pretende formar?

Diante desses questionamentos, os corpos dançantes em formação, que nos referimos neste escrito, pautam-se no imbricamento da nossa experiência discente e docente, fundamentalmente nas relações estabelecidas no processo de aprendizagem. Pois acreditamos que os estudantes e professores trazem consigo marcas oriundas de suas experiências estéticas, sejam elas a partir do contexto formal do ensino de dança, ou do pragmatismo da vida, dos infinitos contextos onde a dança se faz presente.

Este cenário apresenta uma possibilidade no processo de formação inicial de experiencarmos caminhos de aprendizagem, onde o corpo em movimento situado no tempo e no espaço, mais especificamente da dança enquanto expressão artística cultural. Mas também experienciar uma práxis que provoque deslocamentos de fronteiras, e portanto de certezas, as quais tradicionalmente são construídas no âmbito dos saberes em dança, abrindo novas perspectivas e situações de experimentações.

O projeto de extensão denominado Corpopular: a escola entre giros palmas e sorrisos, vem na esteira dessa possibilidade, o mesmo surge enquanto uma das ações do Programa de Extensão CORPOPOPULAR: INTERSECÇÕES CULTURAIS. O qual

teve início em 2012, financiado pelo Edital Proext, 2011-MEC/SESU, permitindo de maneira significativa o diálogo permanente e dinâmico entre a extensão, o ensino e a pesquisa na Universidade Federal de Goiás (UFG), ao propor o intercâmbio com as tradições e saberes populares, buscou o diálogo aberto entre professores, estudantes, mestres de capoeira, dançarinos, atores, capoeiristas e educadores populares além da comunidade em geral. A mesma parte da proposta de estudos e ações do Núcleo de Estudos e Investigação Cênica Coletivo 22, configura-se como grupo de pesquisa ligado ao Curso de Licenciatura em Dança e a Faculdade de Educação Física e Dança da UFG.

Em 2014, novamente o Programa Corpopular teve o projeto aprovado pelo edital do Proext, realizando os eventos e as ações na escola. Os eventos foram o Gíngua Menina e Daí-me Licença aê, os dois incorporando ações de capoeira angolana, oficinas de dança e apresentações artísticas; a circulação da peça de “De lá pra cá Nzinga vem gínguar” e o projeto na escola Corpopular: a escola entre giros, palmas e sorrisos, o qual é o foco deste escrito. Para as autoras Lima e Silva (2014), o entendimento a cerca da expressão Corpopular, parte da reflexão sobre corpo:

O corpo que se anuncia num giro, que se identifica num sorriso, que grita e se expressa numa gíngua. Este corpo que a todo o instante quer pular, quer se inventar e reinventar com o outro e que pronuncia o mundo a todo instante dentro e fora da escola (LIMA e SILVA, 2014, p.2).

O referido projeto de extensão propõe pensar na pluralidade de corpos, constituído de constantes e diversificados discursos e deslocamentos, dando ênfase na educação e ação comunitária. Compreendendo a escola e as manifestações das culturas populares, em específico a capoeira e o break dance, como um dos espaços e fenômenos para se pensar a educação. Como elementos a conduzir uma proposta de intervenção coletiva de forma a suscitar o processo de formação. O projeto procura potencializar o contexto, fazendo surgir da realidade local às necessidades coletivas, da identidade dos corpos dos estudantes, deflagrar os processos de conformismo presente no cotidiano escolar, para então propor um trabalho de corpo e movimento, de gíngua e esquivas, ataques e giros, de melodias, nem sempre harmônicas, e que têm a experimentação das técnicas da capoeira e do break como parte do processo e preparação corporal e criação, tendo como objetivo proporcionar processos de sensibilização corporal, de descobertas das singularidades e potencialidades de cada estudante, de sua gíngua pessoal, que aliadas ao

conhecimento do estudo das qualidades do movimento auxiliam na construção e criação o humana, crítica e estética.

Assim de acordo com Lima e Silva (2014), o referido projeto teve como objetivos: (re) conhecer e (re)significar o espaço da escola, como um território fértil para a expressão da dança a partir da capoeira e do break dance como manifestações populares; aprofundar as reflexões acerca da prática docente em dança, bem como, sua articulação com o contexto educacional, político e social.

Que corpo é esse?

É urgente considerar que nos últimos anos, muitos bailarinos, brincantes, capoeiristas, dançarinos, b.boys e b.girls, ou melhor, muitos corpos, simplesmente corpos, procuram a universidade para fazer sua formação em dança no contexto universitário. Fato que nos impulsiona para a questão: Que corpo é esse?

De certa forma, pretendemos problematizar a produção de conhecimento em dança no contexto universitário a partir das experimentações corporais dos acadêmicos do curso, considerando que a realidade de alguns estudantes do curso trazem praticas corporais , ou seja, corpos constituídos a partir de manifestações das culturas populares (breaking, capoeira entre outras).

Partimos do pressuposto que estas manifestações culturais se propõe a fazer outros discursos que não os presentes na dança acadêmica, como por exemplo, na hegemonia característica do balé clássico, outros olhares para o corpo que dança.

Esse fato nos impulsiona a estudar, questionar e tencionar estes discursos e perceber suas potencias, seus limites e suas reverberações no processo educativo na escola, sobretudo nos espaços escolares que denominamos “marginais” (nota de rodapé), como o recreio, a entrada e saída dos estudantes.

Já nas experiências de campo realizada no presente projeto de extensão, observamos nas escolas que as aulas de dança geralmente são tratadas como uma moeda de troca, onde muitos professores negociam com os estudantes, como por exemplo: Você só poderá fazer aula de dança ou educação física se ficar quieto, levando as vezes a compreensão que o corpo e o movimento não podem ser executado em outras disciplinas, e o pior enfatiza um conceito de que o não-movimento é sinônimo de

bom comportamento. Entretanto no momento do recreio, chegada e saída da escola, portanto momentos e contextos da escola, em que guardam certa “liberdade”, aos corpos, a dança, a capoeira estão presente como manifestações e construções dos estudantes. Destacamos que esta realidade foi observada na escola específica do projeto.

Conforme Strazzacapa (2001, p. 70) “Muitas escolas aboliram as filas e os demais símbolos de respeito a diretores; no entanto, foram criadas outras maneiras de se limitar o corpo”, neste momento podemos novamente nos perguntar: Que corpo é este que a formação escolar pretende formar? Que corpo é esse?

Neste contexto o que observamos são corpos ora dóceis e calados no seu potencial de expressividade de criação, ora corpos que conseguem por alguns subterfúgios se movimentarem, e saírem deste estado de anestesia, porém o discurso que cai sobre eles, é do estudante rebelde, corpos com “problemas de comportamento”.

Salienta-se neste momento as questões acerca do agenciamento das estruturas de poder sobre o corpo e sobre os espaços que também viabilizam e provocam estas relações de poder, a partir de Foucault.

Quando Foucault se debruça sobre as radicais modificações de um poder soberano para as sutis técnicas de poder disciplinar, a partir do século XVII até o XIX, mostra como o sujeito deixa de ser supliciado e simplesmente assujeitado ao poder soberano. A disciplina vem tornar o corpo mais eficiente e mais dócil, e vice-versa. Estipula o que pode fazer e o que não deve fazer. Com base em tecnologias disciplinares, constrói-se uma “anatomia política” para melhor competência do corpo, diretamente ligada a maior enquadramento. Assim, desenvolvem-se formas para aperfeiçoar as forças corporais (pois as tornam mais econômicas) e igualmente para diminuí-las (naqueles momentos em que poderia desenvolver forças para transgredir a disciplina). Em outras palavras, com o poder disciplinar produz-se, sempre, algum tipo de exercício sobre o corpo. (MENDES, 2007, p. 171)

Estas relações devem ser discutidas no processo de formação docente em dança, nos cursos superiores, no momento que em temos o corpo no centro do processo educacional, a fim de buscar no processo metodológico e pedagógico caminhos para o ensino da dança que dialoguem e tencionem estas questões. Frente ao entendimento de um corpo disciplinado, podemos promover uma articulação entre a concepção de uma

“anatomia política” com a vivência em dança, na qual o corpo pode assumir essa postura em função das relações estabelecidas com técnicas e tendências estéticas, para não resumirem sua prática na montagem de coreografias no final do ano, tão pouco, apresentem formas prontas e acabadas que necessitam ser reproduzidas em série.

A partir das vivências do projeto, partimos do pressuposto de que a dança pode provocar rupturas ou assumir uma postura de corpos “dóceis”, corpos quietos, sentados e enfileirados como os das salas de aula das escolas tradicionais. Corpos separados pela questão do gênero: meninas pra cá, meninos pra lá. Corpos magros, corpos silenciados, corpos apáticos, corpos censurados. Como destacamos em outros estudos e escritos, constatamos uma espécie de anestesia, a qual refere-se ao ato e efeito de não sentir, do grego *aisthesis* que diz respeito à sensação, percepção, ao ato e efeito de sentir - origem da palavra e noção “estética”.

Assim, torna-se urgente pensarmos em práticas pedagógicas que contemplem a perspectiva da educação estética, como uma educação do sensível, isto é, o sentir do corpo, no contexto social atual pode ser abordado como um antídoto anti-anestésico, sem ignorar, é claro, outras possibilidades não diretamente relacionadas ao universo da arte.

Neste sentido o presente projeto, tem como propósito contribuir no avanço em estudos que possibilitem uma prática pedagógica em dança, que contribua com esta discussão, considerando fundamentalmente o corpo que dança, sua construção cultural, investigar saberes poéticos e expressivos, cujo seu ensino pode levar a formação de um corpo poeticamente crítico, um corpo que se faz presente em sua realidade e sabe o que está praticando.

Compreendemos que a ausência de uma atividade corporal também é uma forma de educação, uma educação para o não movimento. Assim é fundamental nos questionarmos: Porque danço? Como educar? Para que os estudantes entendam a arte como prática do saber? Essas e outras questões precisam estar presente no cotidiano de cada educador, para que o ensino da dança avance de forma positiva, que conquiste seu espaço, como uma área de conhecimento.

Como ensinar um corpo que ainda não conhecemos? É preciso entender esse corpo, que se encontra no mesmo espaço de tantos outros corpos plurais, entender que cada dança que esse corpo traz consigo, Corroborando com esta reflexão citamos Merleau Ponty (1999,p.114) que nos traz um arcabouço importante para pensarmos a

questão do corpo e da corporeidade, quando o mesmo descreve “ (...) só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a, eu mesmo na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo” . Com isso o filósofo argumenta que o corpo é o veículo do ser no mundo, e ser corpo é juntar ao mundo, confundir-se com ele, empenhar-se continuamente nele.

Entendemos que valorizar os conhecimentos em dança, é compreender esta relação de interdependência do corpo vivido, do confundir-se com o próprio mundo, e portanto com a cultura. O que nos leva a pensar na educação para a diversidade, de pensar a comunidade como um coletivo que produz cultura e como mola propulsora de construção de sentidos e significados, materializados no corpo que ginha, canta e dança dentro e fora da escola. Que pulsa contradições, encantamentos e engajamentos com o mundo.

Neste horizonte reflexivo, assinalamos a importância de propostas pedagógicas pautadas no respeito ao outro e a cultura do outro, construindo assim uma relação de alteridade no processo educativo. Conforme já nos ensinava Paulo Freire “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (2011, p. 25).

Torna-se importante então, respeitar o que esse corpo traz consigo, só conheceremos esses corpos se estivermos respeito com cada um deles, os instigando a ter um olhar crítico, conectado em sua realidade e que consegue criar com o outro e no mundo, numa espécie de pronunciamento do mundo pelo corpo, pela cultura e pelo diálogo entre os mesmos.

A noção de culturas populares abordada neste projeto parte do pressuposto que o corpo em movimento produz cultura, e por isso surge da complexidade do lugar em que está inserido. Corroborando com essa reflexão, lembramos das compreensões poéticas de Eduardo Oliveira quando o mesmo escreve:

Corpos imateriais é cultura.

O corpo é conceito de integração.

O corpo é território da cultura.

A cultura se movimenta no corpo.

O corpo movimenta a cultura

A cultura está no movimento do corpo

O corpo é movimento da cultura

A cultura é um corpo que se movimenta.

O corpo e metáfora da cultura. (OLIVEIRA, 2007, p. 102)

Na potencia da mistura destas palavras o autor também fala de um corpo que pulsa saberes, pulsa músicas, brincadeira de bola. Um corpopular que se expressa através do breaking e da capoeira, um corpo que quer pular, que vive e traz elementos de sua comunidade, simbologias, valorizando traços de sua singularidade em diálogo e conflito com o cotidiano.

A escola não somente representa o mundo real, como faz parte dele, portanto não adianta isolar os estudantes em uma sala de aula como se esse espaço fosse o único meio de contato deles. Acreditamos na educação através de seu contexto, uma educação baseada na comunidade. Conforme Lima e Silva (2014) a comunidade pode ser entendida como o lócus de saberes e esses, por sua vez, como componentes fundamentais de uma educação para diversidade. E assim, o diálogo escola-comunidade deve ser considerada nas propostas pedagógicas que atendam a demandas cada vez mais emergentes de leis e diretrizes que clamam pelo respeito a diversidade e a equidade de direitos, como é o caso da lei 10.639 que em 2003, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica.

A arte baseada na comunidade possibilita aos estudantes e educadores compreenderem melhor a sua realidade, o que acontece a sua volta, como as políticas econômicas, educacionais e etc. Para Paulo Freire o objetivo fundamental da prática educativa é promover a consciência crítica, marco referencial da mudança.

Corpos que se anunciam em movimento

O projeto Corpopular na escola se caracteriza como uma ação de extensão no campo da dança no contexto da escola, o mesmo postula três importantes questões que instigaram as reflexões e orientaram as praticas, ou seja, o corpo como foco do processo educacional; o ensino da dança a partir das manifestações populares brasileiras de matriz africana e a relação escola-comunidade, partindo do pressuposto que no ato educativo é necessário considerar o potencial crítico e criativo de seus estudantes bem como de contexto as vezes silenciados e deslegitimados como um lugar de formação , ou melhor de aprendizagem, estamos neste caso nos referindo aos lugares/momentos do

recreio, da não disciplina, da possível liberdade dos corpos, e convidamos a olhar para estes lugares momentos como uma possibilidade de formação, interação, criação portanto de educação.

Entendemos que é relevante propor vivências, que apresentem possíveis pontos de fuga em que um corpo, mesmo que sobre a estrutura de determinadas técnicas e tendências estéticas, pode assumir seu potencial criativo, considerando a importância de se identificar os possíveis conflitos, pontos de conformismos e pontos de resistência que incorporam em nossas práticas sociais e culturais.

Um dos pressupostos que contribuiu de forma significativa neste projeto, parte da compreensão de que as manifestações culturais se dão no corpo, em específico estamos nos referindo a capoeira e o breaking, partindo disso mais questões surgiram e nos desafiaram a cada encontro com os estudantes: Como essas práticas se fazem no corpo, como elas podem afetar o corpo que dança e inventa sua própria dança?

Segundo Lima (2011), alguns aspectos aproximam estas duas manifestações, apresentando algumas características, como a malandragem (urbanidade, marginalidade), violência (violência simbólica), masculinidade (enfrentamento), negritude (africanidade), são pistas importantes para a elaboração de uma proposta educativa que se propõe em trabalhar com a diversidade cultural, com a alteridade sempre buscando um corpo com autonomia de movimento, de expressão e de postura frente ao mundo e aos outros.

De acordo com Lima e Silva (2014, p. 5) é possível pensar em experiências dialógicas entre “muitos populares”, procurando compreender:

Estes saberes como fonte de aprendizagem para o campo da arte/educação, o mestre de capoeira, o b.boys e a b.girls, partindo do entendimento que tais manifestações são significativas no seu contexto e nos sentidos atribuídos para sua comunidade que as criam, brincam, vivenciam e resignificam a cada momento. Deste modo, propomos experiências dialógicas entre “corpopulares”, reconhecendo o hip hop, a capoeira e outras danças urbanas, como manifestações vivas, que permeiam o corpo de dentro para fora e de fora para dentro, criando sentidos identitários para as comunidades que as criam, vivenciam e resignificam a cada momento (LIMA e SILVA, 2014, p. 5).

Através do breaking e da capoeira foi realizado no Centro de Ensino e Pesquisa aplicado a Educação- CEPAE, da Universidade Federal de Goiás (UFG) no decorrer de 2014, vivências que buscaram dialogar com o contexto da escola e de cada estudante. As mesmas aconteciam duas vezes por semana, no contra-turno do horário formal da escola, e outras atividades eram realizadas no horário do recreio, como as intervenções artísticas organizadas pelo coletivo de educandos, dos estagiários e professoras orientadoras.

Constatamos que muitos educandos conheciam o break dance através da mídia, assistiram filmes em que essa manifestação se faz presente, comerciais de TV, vídeo-clips e outros, já a capoeira algumas crianças já haviam vivenciado, outros viram também através da mídia.

A mídia, para alguns dos estudantes é um dos únicos meios que os mesmos têm contato com estas manifestações, sendo da responsabilidade do educador procurar dialogar através da sua intervenção de dança frente a esta realidade. Observamos que pela mídia os educandos construía uma imagem de como essas manifestações estão presente no cotidiano e na rotina dessas crianças. Levando os mesmos a fazerem relações entre a capoeira e o breaking, pois alguns movimentos são parecidos e como foi dito antes se aproximam em alguns aspectos. É preciso observar que o break dance teve uma grande influência de capoeiristas na história, tal relação, de certa forma, se expressa em alguns movimentos corporais.

Neste momento entra em cena outro questionamento: Como ensinar essas manifestações que não seja somente pela cópia? Pensando nessa questão foi realizado com os estudantes que participavam do projeto, momentos de (re) conhecimento da realidade, a final de contas à pergunta: Que corpos são estes? Estas questões representaram eixos centrais para pensar e propor nossa prática pedagógica.

Então foi desenvolvida, dinâmicas, jogos, desenhos coletivos, instigando-os a se expressar sobre algumas questões a partir de seu cotidiano e de seu corpo. Aos poucos eles forma percebendo pelas experiências vivenciadas nos momentos e forma dos momentos do projeto que a dança não precisava ser pautada somente na cópia, mais que existem meios para dançar, a partir das suas próprias capacidades e seus limites. Não podemos desconsiderar que este limite e capacidades são construídos a partir de

discurso e forças geradas em sua volta, como sua própria maneira de lidar e ou resistir a estes discursos do e no corpo.

Nosso planejamento pedagógico assim como os princípios metodológicos, antes de serem desenvolvidos com os estudantes do CEPAE, eram experienciados e discutidos junto ao grupo de estudos, Vinculado ao Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22- FEFD (UFG), este grupo de estudos constituído especificamente para constituir a proposta de intervenção do projeto de extensão Corpopular. Neste grupo participavam outros acadêmicos que tinham uma relação e interesse com esta temática, professores do Curso de dança, professores da rede pública de educação capoeiristas.

O grupo se reunia uma vez por semana, tendo como intuito investigar e compreender as manifestações da capoeira e o Movimento Hip Hop, mais específico o breaking, partindo do estudo do movimento, dos padrões de movimento e suas qualidades e seus atravessamentos nas questões como: gênero, negritude, ancestralidade e malandragem. Estes elementos foram os mais presentes nas vivências desenvolvidas no CEPAE, e por isso eram discutidos no grupo de estudos, formando um processo dialógico entre prática e teoria, vale destacar que no grupo de estudo a prática também era fonte de reflexão por parte dos integrantes.

Para o estudo do elemento “malandragem”, foi utilizadas algumas músicas, trazidas pelos estudantes da escola, entre elas versavam sobre malandro, como a do Guind’art 121, “Bom malandro”, e a partir disso estudamos a letra e procuramos entender o significado de malandro, e de como essa malandragem se faz presente no breaking e na capoeira. Foi realizada uma pesquisa entre o grupo de estudos, com os estudantes da escola e com alguns b.boys e b.girls sobre o que representava ser malandro pra eles.

Buscamos também através do grupo de estudo, ampliar o referencial teórico sobre a malandragem no break dance e na capoeira, entendendo que na história destas manifestações sentido e significado da malandragem estava presente de alguma forma. Na capoeira surgiu como categoria teórica fundada na expressão política da existência.

A malandragem do capoeirista se expressa na forma de ser, de resistir culturalmente e se movimentar no âmbito micro-político de sua vida, tem haver com a criação de estratégias políticas de sobrevivência no mundo, com sua capacidade criativa, seja no

jogar, cantar ou de diversas situações do cotidiano. (BELO, 2009,p.4)

A capoeira nasce da malandragem, ou seja na arte de enganar o e senhor do engenho simulando dança enquanto treinava para o combate, quando a capoeira passa a ser praticada de maneira clandestina nas ruas da cidade, o desenvolvimento da malandragem ganha força, pois o negro tem que viver com a diversidade da rua, discriminação, por isso tem haver com a criação de estratégias políticas de sobrevivências do mundo. “Nem todo malandro é capoeirista, mais todo capoeirista tem que ser malandro”. (BELO, 2009, p.4).

Alicerçados pelos estudos, conduzimos nossa pratica partindo de algumas noções e conceitos dispositivos, de ordem metodológica, como a noção de jogo, de improvisação, de repertorio de movimentos das corporeidades, e de processos de criação coletivo, bem como da noção de malandragem, como uma possibilidade de orientação e de construção de uma pratica, questionadora, investigativa e propositiva de novos lugares e educação, lugares que nos levaram a deslocamentos, de re (organizar nossa pratica a partir do outro, do imprevisível, da dinamicidade e contradições possíveis de vislumbrar e acima de tudo vivenciar a partir da cultura popular, em especifico das que nos propomos a estudos neste projeto.

No decorrer do ano algumas apresentações, intervenções dançantes, foram realizadas aproximando os integrantes do grupo de estudos com os estudantes da escola , realizadas durante o recreio. Este momento da rotina escolar foi escolhido por nós para realizar as apresentações, por compreender que neste espaço pode se construir relações diferenciadas, relações no plano horizontal entre estudantes e artistas, entre estudantes e professores, espaço que cria outros laços fora da sala de aula, assim nas apresentações realizadas abre-se a possibilidade de intervenções espontâneas, de outras estudantes que não participavam ainda das ações do projeto.

Considerações finais- Corporeidades dançantes em formação

Partindo de experiências da ordem da práxis, acreditamos que é possível pensar em uma pratica pedagógica que dialogue entre “muitos populares” procurando compreender estes saberes como fonte de aprendizagem para o campo da arte/educação, o mestre de capoeira, o b.boys e a b.girls.

Entende-se que tais manifestações são significativas no seu contexto e nos sentidos atribuídos para sua comunidade que as criam, brincam, vivenciam e resignificam a cada momento. Deste modo, propusemos experiências dialógicas entre “corporulares”, reconhecendo o hip hop, a capoeira, como manifestações vivas, que permeiam o corpo de dentro para fora e de fora para dentro, criando sentidos identitários para as comunidades que as criam, vivenciam e resignificam a cada momento.

Expressões culturais urbanas, como a capoeira e o hip hop, manifestam uma grande diversidade de elementos de representação e reelaboram significados para um imenso arquivo de matrizes corporais e sonoras que podem ser estrategicamente mescladas ou confrontadas em propostas pedagógicas de arte, aliando técnica e criação.

Desta forma, acreditamos no potencial formativo que volta-e as questões oriundas da realidade, das demandas tanto dos discentes em formação quanto da escola e dos corpos que significam aquele contexto. Salientamos a importância dos espaços formativos marginalizados, como as ações de extensão na universidade, que neste caso, forneceu a estrutura necessária para um processo de aprendizagem onde a investigação corporal tanto dos acadêmicos como dos estudantes da escola, garantindo a qualidade da construção da proposta pedagógica desenvolvida na escola.

Consideramos também as margens do processo formal de ensino, os espaços escolhidos para desenvolver o projeto no contexto escolar, os quais tiveram sua importância no que se refere a pensar e perceber a potencia das interações, da cultura que pulsa nessas possibilidades de expressão.

Corroborando com esta reflexão, que propõe pensar o corpo como lócus de construção de conhecimento, de cultura e de território de sentidos, Le Breton nos lembra “O corpo sente na sua pele os apelos do mundo e sofre em sua extensão o amálgama da cultura ” (LE BRETON, 2007, 34).

Neste sentido, podemos concluir sob dois pontos de vista, dos discentes que destacam esta vivência, como um projeto que permitiu agregar também as experiências de vida, com momentos de reflexão e aprendizado, estabelecendo uma relação de troca. O que despertou nos participantes discentes, um olhar que até então não tinham, instigado a pensar e pesquisar, como o que precede o movimento técnico na dança, que corpo é esse que se movimenta, o seu lugar, os lugares por onde ele passa, e neste sentido ampliar a noção e os conhecimentos que já tinham em relação as técnicas e

movimentos específicos do breaking ou da capoeira. Momentos de intensa (re) significação e de possibilidade de formular novos questionamentos no âmbito da formação docente em dança/arte.

Já do ponto de vista dos docentes, concluímos a importância das ações de extensão e da prática docente nestes contextos para pensar a formação do professor/artista para o ensino da dança, considerando o campo da práxis pedagógica na expectativa de não equacionar a arte, cultura popular e educação, buscando aproximações com viver e fazer arte nas culturas populares. Compreendendo a escola e as manifestações das culturas populares, em específico a capoeira e o break dance, como um dos espaços e fenômenos para se pensar a educação, a educação estética e o corpo. Como elementos a conduzir uma proposta de intervenção coletiva de forma a suscitar o processo de formação humana, crítica e estética.

Bibliografias

BELO, Rafael Alexandre. **A Malandragem como expressão política da existência: Mestre Dunga e a Capoeiragem de Rua em Penedo-AL**. In: XV Encontro Nacional da ABRAPSO, 2009, Maceió-AL. XV Encontro Nacional da Abrapso, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.

MENDES, Cláudio, Lúcio. **“O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo”**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, Abril de 2006.

MERLEAU - PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

STRAZZACAPPA, Márcia – **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. Cad. CEDES vol.21 no.53 Campinas Apr. 2001.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira.** Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

SILVA, Renata de Lima . ***O corpo Limiar e as Encruzilhadas: A capoeira angola e os sambas de umbigada no processo de criação em Dança Brasileira Contemporânea.*** Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2010.

_____. *Corpo Limiar e Encruzilhada: processo de criação em dança.* Goiânia: Ed. UFG, 2012.

SILVA, Renata de Lima; LIMA, Marlini Dorneles. **Corpopular: a escola entre giros, palmas e sorrisos.** Anais do III Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança, Comitê Dança em Mediações Educacionais, Salvador: UFBA, Set./2014